Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

LEITURA E COMENTÁRIO: FUNCAO E CAMPO DA FALA E DA LINGUAGEM EM PSICANÁLISE

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Resumo: Leitura e comentário do primeiro discurso de Roma. O presente estudo visou acompanhar o percurso proposto por Jacques Lacan, na formação do analista, considerando o pressuposto elementar da compreensão da função e do campo da fala e da linguagem para psicanálise. Em seguida o texto visa mostrar a relevância de um retorno à obra freudiana até o percurso proposto como necessário à formação do analista em sua própria obra.

Palavra-chave: formação, discurso, função, campo, fala.

São Paulo

2023

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

READING AND COMMENT: FUNCTION AND FIELD OF SPEECH AND LANGUAGE IN PSYCHOANALYSIS

Fabiana de Mattos Grosso - fabiana_mg@hotmail.com

Summary: Reading and commentary on Rome's first speech. The present study aimed to follow the path proposed by Jacques Lacan, in the psychoanalyst formation, considering the elementary assumption of understanding the function and field of speech and language for psychoanalysis. Next, the text aims to show the relevance of a return to Freud's work to the path proposed as necessary for the training of the analyst in his own work.

Keyword: training, speech, function, field, talk.

São Paulo

2023

A contextualização desenvolvida inicialmente neste texto foi apresentada e discutida na reunião preparatória para esta atividade com a participação de Mauro Mendes Dias.

Neste congresso em Roma, o escrito, a fala e o momento histórico são as questões políticas que atravessam este texto, assim este escrito se torna um documento, no qual o programa de formação está posto em sua posição da teoria e da técnica.

Existem dois títulos deste texto, o Discurso de Roma e Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise; estes dois títulos distinguem e caracterizam este texto.

A crise vivida por Lacan na IPA, se abre para a sociedade e é tornada pública em Roma, neste sentido é um discurso, ou seja, vir a público com uma posição de uma crise, não apenas denunciar uma crise.

Por outro lado, tornar pública essa posição é também a exposição de um programa que procura começar a tratar desta crise que foi apresentada, a qual estava em curso naquele momento. Lacan considera que a questão ia além da simples aceitação ou não da sociedade no seio da IPA, o que se trata é uma posição sobre a formação, neste sentido é o motivo pelo qual ele é tão insistente no tempo lógico destas elaborações, que foi ao mesmo tempo motivo de divergência com a IPA e motivo da doutrina.

Discurso no sentido de divisão, em que o inconsciente trás em relação ao símbolo, que não é promovido somente pela política, mas também pelo inconsciente, esse discurso é do método, porque é no discurso do método que Descartes vai falar de uma divisão entre aquele que pensa e aquele que fala, se diz “penso logo sou”, é porque um está na dependência do outro, existe uma separação entre os dois, existe uma divisão.

Lacan, faz uma distinção, uma separação com o discurso na filosofia, os textos precedidos de discursos, são sempre textos que expõe algum elemento fundacional, tem caráter original.

O discurso do homem para a psicanálise é o discurso do Outro, como o desejo do homem é o desejo do Outro, assim tem uma série de declinações e ressonâncias a essa nomeação de discurso. Importante este ponto para se dispersar essa ideia de que é discurso de Roma porque foi apresentado em Roma, é verdade, foi em Roma, mas a significação vai muito além.

Outra declinação é que o discurso de Roma é o primeiro de uma série de três discursos que fundamentam uma posição sobre a psicanálise, de um enlaçamento decisivo para Lacan em sua obra.

Três condições são anunciadas no discurso de Roma, onde o fracasso é o ponto de enlaçamento.

Em 1953, neste texto que o comentário se orienta, Lacan aponta o fracasso dos pós freudianos em sustentar a descoberta freudiana.

Nos Outros Escritos, consta o segundo discurso de Roma, também nomeado o texto: *A Psicanálise. Razão de um Fracasso,* 1967, no qual consta a ligação entre os três discursos. É neste segundo discurso que Lacan introduz uma nova orientação na psicanálise, pelo significante fracasso, neste momento se dirigindo a aqueles que ele considerava que estariam à altura de assimilar o que ele trazia, por isso o texto se chama *A Psicanálise. Razão de um Fracasso*.

Lacan faz uma retomada de ter contado com pessoas que ele não considerava que não iam receber a obra dele como eles receberam. Só se lê a relação entre os três textos pelo segundo.

Neste segundo discurso, é importante de perceber que o fracasso não é sinônimo de decepção, mas de condição necessária para relançar essas descobertas.

Nesta época também foi publicado o texto *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* na qual Lacan visa uma nova estrutura para as sociedades psicanalíticas, agora nomeadas como escola.

O terceiro discurso de Roma, é o texto da Terceira, 1974, onde o fracasso é a condição de sobrevivência da psicanálise, porque o fracasso é o outro nome do real para Lacan.

Em A Terceira escreve vai depender de como a psicanálise vai lidar com o real, se ela lidar de uma forma a não evitar, o fracasso não vai acabar com ela, mas para isso vai precisar se haver com o real, ou seja, aquilo que faz fracassar a ordem simbólica.

O problema da psicanálise, não é se a psicanálise vai ou não triunfar, isso já é uma questão resolvida para Lacan, é a religião que vai triunfar, a questão é se a psicanálise vai sobreviver ou não.

Para sobreviver é preciso que inclua o fracasso como íntimo, ou seja, inclua a abordagem do real como íntima a tarefa que os psicanalistas têm que se haver.

O foco deste comentário é o primeiro discurso de Roma, o texto Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise.

É a primeira vez que se aprofunda as incidências da fala em sua decomposição.

Logo no prefácio, Lacan deixa claro que seu propósito é conversar com os psicanalistas em formação, procurando introduzir uma nova concepção, propondo um projeto de formação,

para este discurso anuncia que vai usar todo o conhecimento que ele possuía até aquele momento.

Esse projeto de formação visa a junção entre teoria e técnica, pela ação da fala.

Lacan é incisivo ao afirmar que a fala é o único meio de tratamento inventado por Freud, e que não foi ultrapassada. Considera que a fala é negligenciada pelos analistas, que ao falar da tarefa da fala parecia que se falava de algo aquém, como que ao se falar da fala à psicanalistas fosse falar de algo já compreendido, seu uso é o mais rotineiro e considerado o mais simples, esse é um grande equívoco que Lacan nos convoca, em todo seu rigor, a reavaliar.

Cito Lacan no prefácio:

> Pois ninguém é menos exigente do que um psicanalista quanto àquilo que pode conferir status a uma ação que ele próprio não está longe de considerar como mágica, na impossibilidade de saber onde situá-la numa concepção de seu campo que ele nem pensa em atribuir à sua prática. (LACAN, 1953, p.241)

Nos anos de experiência Lacan percebeu que há uma aversão do interesse pelas funções da fala e pelo campo da linguagem. A promoção da resistência do objeto na teoria e na técnica deve ser submetida à dialética na análise, que só pode reconhecer seu álibi no próprio sujeito.

Lacan pontua três problemas como cruciais a psicanálise em 1953, considerando o traço em comum a tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da fala, justamente em campos em que sua utilização, por confinar com o inefável, exigiria ser avaliada em relação a pedagogia materna, a ajuda samaritana e a mestria/dominação dialética. Tornando-se um grande perigo quando além disso, ele abandona sua linguagem, em benefício de linguagens já instituídas e das quais ele conhece pouco as compensações que elas oferecem à ignorância.

Lacan aproxima o psicanalista na citação: “ao herói moderno ilustrado por façanhas derrisórias numa situação de descaminho, que só poderiam ser corrigidos por um mero retorno ao estudo, no qual o psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala”. (LACAN, 1953, p.245)

O domínio da técnica desenvolvida por Fred caiu no abandono pelos pós freudianos,

> Onde o desconhecimento da origem dos temas gera o problema de atribuí-los, e onde o esforço de resolver esse problema reforça esse desconhecimento. Alguns princípios básicos bastam para situar as condições simbólicas imaginárias e reais que determinam as defesas – isolamento, anulação, denegação e, em geral, desconhecimento – que podemos reconhecer na doutrina. (LACAN, 1953, p.246)

A técnica não pode ser compreendida nem corretamente aplicada, quando se desconhece os conceitos que a fundamentam, esta é a tarefa apresentada neste discurso por Lacan:

demonstrar que esses conceitos só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala na psicanálise.

O item um do texto possuí o título “fala vazia e fala plena na realização psicanalítica do sujeito”, quer dizer, a fala vazia e a fala plena na ação da fala na psicanálise, ação essa que é o único meio, a única técnica que possuímos como psicanalistas.

Primeiro ponto que não se pode perder de vista é que a fala do paciente e sua evidência nos diz que toda fala pede uma resposta, mesmo que ela se depare apenas com o silêncio, desde que ela tenha um ouvinte, esse é o cerne de sua função na análise.

Lacan não apenas nos ensina o que consta na fala vazia e na fala plena, ele nos direciona tecnicamente em como passar da fala vazia, aquela em que o sujeito chega ao consultório à fala plena, aquela em que a verdade do sujeito tem a possibilidade de emergir.

A técnica passa por todos os pontos, como responder ao silêncio, como trabalhar com a associação livre, explica a tríade frustração, agressividade, regressão e a supervisão, pontos que Lacan nos mostra que ao não nos nortearmos também pela técnica, a teoria encontra sua dificuldade.

A complexidade da psicanálise vem exemplificada num dos pontos abordados por Lacan, considerado o mais banal e óbvio, que é trabalhar com a associação livre, já que exige aprendizagem de valor formativo, mas que este aprendizado vem junto com a experiência.

Importante prestar atenção que mesmo que o discurso pareça ainda meio vazio, isso só acontece quando se toma por seu valor aparente, lembrando que a fala, mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de téssera. Lacan considera uma pontuação oportuna que dá sentido ao discurso do sujeito.

Outro elemento importante na técnica psicanalítica atual é a suspensão da sessão, que não seja pelo cronometro, que vem desempenhar o papel de uma escansão que tem todo valor de uma intervenção, precipitando os momentos conclusivos.

Lacan nos trouxe o lado que nomeia como o mais ingrato, o da fala vazia, em que o sujeito parece falar em vão de alguém que, mesmo lhe sendo semelhante a ponto de ele se enganar, nunca se aliará à assunção de seu desejo.

O único objeto que está ao alcance do analista é a relação imaginária que o liga ao sujeito como *eu*, e, na impossibilidade de eliminá-la, é possível fazer uma detecção do que se deve ser ouvido.

Outro extremo da experiencia analítica, envolve a sua história, sua casuística, no processo de tratamento, o valor da anamnese como índice, como mola do progresso terapêutico:

na intra-subjetividade obsessiva, a inter-subjetividade histérica, na análise da resistência, na interpretação simbólica. É aqui que inicia a fala plena.

Sendo categórico Lacan escreve

> Não se trata, na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade, porque o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presente. (LACAN, 1953, p.257)

Quando um acontecimento é narrado, Lacan nomeia como verbalização, relacionando:

> Com o momento presente as origens de uma pessoa pois a verdade dessa revelação é a fala presente, que atesta na realidade atual e que funda essa verdade em nome dessa realidade, pois somente nessa realidade, a fala testemunha a parcela dos poderes do passado que foi afastada a cada encruzilhada em que o acontecimento fez uma escolha. (LACAN, 1953, p.257)

Para nos apresentar a junção entre teoria e técnica na fala plena, Lacan passa pelos casos de sucessos de Freud.

Importante ressaltar que Lacan em nenhum momento desmerece a teoria freudiana, mas que quando examina detalhadamente os três casos de sucesso de Freud, o Caso Dora, o Homem dos Ratos e o Homem dos Lobos, Lacan fala da técnica, ou seja, do tratamento, da ação da fala e não da teoria do aparelho psíquico, onde constam a topologia, a dinâmica e a economia psíquica descobertas por Freud.

Essa diferença é crucial neste programa de formação proposta por Lacan, em que a novidade vem do uso da técnica e sua junção com a teoria.

Lacan ao pormenorizar os casos de sucesso nos expõe a imensa dificuldade, inclusive vivenciada, pelo Freud, na união em sua teoria e com sua técnica.

Efetuo um pequeno recorte da crítica ao uso da técnica, no caso Dora: Lacan expõe ambiguidade da revelação histérica sobre seu passado onde Lacan nos ensina que essa revelação não decorre tanto da vacilação de seu conteúdo entre o imaginário e o real, pois ele se situa em ambos e tampouco se trata de que ela seja mentirosa. É que a histérica nos apresenta o nascimento da verdade na fala e, através disso, esbarramos na realidade do que não é nem verdadeiro nem falso, considerado, este ponto, o mais perturbador em sua fala.

Há um longo percurso sobre o conceito de inconsciente para Freud, “o inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está inscrita em outro lugar”. (LACAN, 1953, p.260)

No campo da psicanálise, a história, os acontecimentos, uma vez que já estão ali e que a desintricação que nele produzem, entre a técnica de decifração do inconsciente e a teoria dos instintos, ou das pulsões, é incontestável.

"Os estados instintuais já estão, ao serem vividos, organizados como subjetividade, assim toda pretensa fase instintual é um estigma histórico, ou seja, uma página de vergonha que se esquece ou se anula, ou página de glória que o constrange, mas os esquecidos são lembrados nos atos, e a anulação opõe-se ao que é dito em outro lugar, assim o dever de gratidão perpetua no símbolo a própria miragem em que o sujeito se descobre preso".

É justamente essa assunção de sua história pelo sujeito, no que ela é constituída pela fala endereçada ao outro, ponto este anunciado como o mais relevante inicialmente, que serve de fundamento ao novo método que Freud nomeou de psicanálise.

Os meios da técnica são os da fala, na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo, seu campo é o do discurso concreto, como campo da realidade transindividual do sujeito; suas operações são as da história, no que ela constitui a emergência da verdade no real.

Retomando as primeiras frases do item um, Lacan, no rodapé 18 em 1966 escreve "mesmo que ele fale "como quem se dirige aos presentes". Ele se dirige ao (grande) Outro cuja teoria firmamos desde então, e que comanda uma *epoché* na retomada deste termo a que continuamos a nos adstringir até hoje: a intersubjetividade".

A intersubjetividade é o meio pelo qual a palavra pode ser reconhecida. Para que a palavra seja plena, ela precisa ser reconhecida, em nosso campo pelo analista.

Este ponto novamente se articula com o título do item um, "a fala vazia e a fala plena na realização psicanalítica do sujeito", Lacan esclarece que a função da fala vazia e plena nos interessa na ação realizada pela psicanálise, seu foco é a ação da fala do sujeito na prática analítica.

O caminho para o item dois que é nomeada por *Símbolo e linguagem como estrutura e limite do campo psicanalítico* foi iniciada por Lacan retornando a descoberta freudiana no texto sobre a interpretação dos sonhos e, com ela noção do simbolismo analítico.

O sujeito vai muito além do que experimenta "subjetivamente": vai tão longe quanto a verdade que ele pode atingir. Essa verdade de sua história não está toda em seu desenrolar, mas o lugar se marca, nos choques dolorosos que ele experimenta por conhecer apenas as réplicas, ou então em páginas cuja desordem mal lhe proporciona alívio.

O discurso humano é o campo em que nossa experiencia polariza, numa relação que só é a dois na aparência, pois qualquer colocação em sua estrutura em termos duais é tão inadequada na teoria quanto destrutiva para sua técnica.

Lacan, escreve que nada melhor do que retornar à Freud, estudar sua obra é o caminho necessário para resgatar sua teoria e técnica no sentido de nossa experiencia.

> Não basta alguém dizer-se técnico para se autorizar, por não compreender um Freud III, a recusá-lo em nome de Freud II que ele acredita compreender; e a própria ignorância que se tendo Freud I não é desculpa para que as cincos grandes psicanálises sejam tomadas por uma série de casos tão mal escolhidos quanto mal expostos, ainda que se fique deslumbrado com o fato de o grão de verdade que elas continham haver escapado a isso. (LACAN, 1953, p.268)

Esta frase de Lacan, norteia o item dois do texto, indo ponto a ponto, detalhadamente iniciando pela interpretação dos sonhos, onde Freud postulou a regra que é preciso buscar nele a expressão de um desejo, desejo este que não é nada simples de se identificar, inclusive foco no ponto que numa análise onde a vida da transferência está estabelecida, todo sonho do paciente é interpretado como provocação, confissão velada ou digressão, por sua relação com o discurso analítico, e que, à medida que progride à análise, eles se reduzem cada vez mais à função de elementos do diálogo que nele se realiza.

Lacan, passa pelos atos falhos, lapsos e os sonhos, no qual considera que os sonhos com números, revelam as estruturas dominantes do campo psicanalítico, que o poder combinatório que ordena seus equívocos, para neles reconhecer a própria mola do inconsciente.

Escreve que Freud tinha total confiança nos símbolos e que neste ponto houve um vacilo por há um para-além de qualquer limite que o símbolo possa chegar.

Este ponto é importante pois evoca a passagem da fala vazia a fala plena, pois o sintoma do sujeito se resolve por inteiro numa análise linguageira, por ser ele mesmo estruturado como uma linguagem, por ser na linguagem que a fala deve ser liberada.

Lacan considera o texto *O chiste e sua relação com o inconsciente* o mais incontestável da obra de Freud, porque nele o efeito do inconsciente é o mais transparente, na graça maliciosa do espírito livre, simboliza uma verdade que não diz sua última palavra. E pelo chiste supor sempre um terceiro ouvinte.

A descoberta de Freud é a do campo das incidências na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização do ser. Desconhecer isso, nos escreve Lacan, é condenar a descoberta ao esquecimento, e a experiência a ruína.

Lacan segue pelo par presença e ausência, em Freud, pelo rastro deste par, fala da aliança entre fala, símbolo e lei. Da lei dos homens passa a lei primordial do complexo de Édipo. A complexidade envolvida é tanta que nomeia as leis dos números, isto é, do símbolo mais purificado, a revelação mais inerente ao simbolismo original.

Para Freud no ser falante há implicação da aliança e parentesco, onde as leis da linhagem, fundamentam seu direito que se mistura, nas tradições, onde as leis do complexo de Édipo encontram seus alicerces, onde o mítico está sempre presente, no qual para constituir o recalcado, o material da linguagem tem que ter sido assumido pelo sujeito como fala.

Essa lei primordial é aquela que rege a aliança, essa lei se faz reconhecer suficientemente como idêntica a uma ordem de linguagem.

O item dois do texto mostra toda a articulação necessária para se estudar com rigor o símbolo e a linguagem como estrutura e limite no campo psicanalítico.

Lacan chama de ordem simbólica os conceitos da psicanálise que são capturados num campo de linguagem e seu domínio se estende o tanto quanto é possível em uma função, uma miragem do consciente, um segmento do corpo ou de sua miragem, um fenômeno social ou uma metamorfose dos próprios símbolos que sirvam de material significante para aquilo que o sujeito inconsciente tem que expressar e é dessa ordem simbólica, que trata a psicanálise, este ponto se articula com o segundo item do texto.

> A linguagem primeira, foi decifrada por inteira nos sonhos por Freud e Ernest Jones em seu artigo fundamental sobre o simbolismo observa que embora existam milhares de símbolos, no sentido como a análise os entende, todos se relacionam com o próprio corpo, com as relações de parentesco, com o nascimento, a vida e a morte. O que permite dizer que embora o símbolo, psicanaliticamente falando, seja recalcado no inconsciente, ele não traz em si nenhum índice de regressão ou de imaturidade. Para que surja efeito no sujeito basta ele se ouvir, pois esses efeitos se dão com o conhecimento dele, como o admitimos em nossa experiência cotidiana ao explicar muitas reações, tanto dos sujeitos normais quanto nos neuróticos, por sua resposta ao sentido simbólico de um ato, uma relação ou um objeto. (LACAN, 1953, p.295)

Para falar de linguagem Lacan segue pela lei da justiça, já que a lei do homem é a lei da linguagem e que símbolo quer dizer pacto. É um pacto entre os significantes que constituem o símbolo como significado, isso se identifica no fato que os objetos da troca simbólica serem desprovidos de uso por destinação e são desnecessários em abundância.

A relação entre significante e significado está incluída na própria ordem da linguagem. A linguagem não é sinal, nem signo, como signo da coisa como realidade externa; ela nos interessa pela parte que comunica.

O homem é incluído no discurso que desde antes de nascer já determina seu papel no drama que dará sentido à sua fala, caminho esse que dará sentido à sua fala, desde a função da

palavra na linguagem até o alcance, no sujeito, da fala. A consequência é um englobamento simbólico, onde as ligações, ou seja, no que concerne ao campo da linguagem tudo está sempre presente.

Nos Outros Escritos no texto Discurso de Roma Lacan escreve,

> A ação da fala, na medida em que o sujeito entende-se fundar-se nela, é tal que o emissor, para comunicar sua mensagem, tem que recebê-lo do receptor, e ainda por cima só consegue emiti-la sob a forma invertida...e que se não sabemos quem fala em nós, então como seria responder àquele que nos pergunta quem ele é (LACAN, 1953, 141)

A ação da fala tem a função de desatar os nós dos sintomas, das inibições e das angústias, ou seja, de devolvê-los à função da fala que eles têm, num discurso cuja significação determina em seu emprego e seu sentido.

Este ponto é importante na técnica, apontando que não se trata de trazer à tona o conteúdo inconsciente para o consciente, mas trata-se sim da passagem dessa fala, assim é preciso que a fala seja ouvida por alguém ali onde não podia nem sequer ser lido por ninguém.

A função da fala é ambígua, é tanto velar quanto desvelar, é justamente essa ambiguidade da linguagem que pode dar acesso aos possíveis segredos da fala.

Articulando com o título Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise, Lacan reforça em vários momentos que a experiência analítica não é uma experiencia à dois, que se abordada como tal, só pode gerar resistência.

Essas resistências podem vir como um tipo de resposta, de consequência ao se usar a função da fala e o campo da linguagem desconhecendo seus limites dentro da psicanálise.

A ação da fala não se encontra somente no lado do sujeito, mas também do lado do analista, para ocupar este lugar o analista deve seguir alguns passos que envolvem um programa para sua formação, há um rigor necessário para o cumprimento do percurso.

A análise consiste em jogar com os múltiplos alcances da divisão que a fala constitui nos registros da linguagem: daí decorre a sobredeterminação, que só tem sentido nesta ordem.

O terceiro item do texto possui o título: As ressonâncias da interpretação e o tempo do sujeito na técnica psicanalítica.

A função da interpretação é o condutor do tratamento, para isso precisa manter se à sombra a interpretação, somente assim se pode colocar distância entre o que contem de real e o sentido que lhe é dado. É preciso que o sujeito esteja pronto para essa revelação, isto é, o sujeito não pode ouvir sem que em seu percurso já estivesse encontrado a verdade.

Este ponto traz a extrema responsabilidade contida no ato da fala do analista, vai depender dela o advento no ser, do novo, do que não existia e para que a verdade possa advir é

preciso que se deixe esse sujeito falar, lembrando que para que a fala plena possa advir, o analista também vai participar da fala plena, para que isso possa ocorrer há um percurso formativo em que inclui um percurso de teoria e técnica, em que estudo e prática, juntos precisam existir e isso demanda tempo.

A formação proposta neste primeiro discurso de Roma coloca a responsabilidade e o rigor como molas necessárias, para que a simples ação da fala se faça presente e possa constar, pois a passagem da fala vazia para a fala plena, também implica que o sujeito que escuta, ou seja, o analista, também tenha um psíquico em movimento.

Uma fala plena requer outra fala plena na escuta e retorno pela interpretação. Lacan escreve que este ponto é decisivo para ser ou não analista.

O fenômeno da transferência sempre participa da elaboração própria da história como tal, isto é, do movimento retroativo pelo qual o sujeito, assumindo uma conjuntura em sua relação com o futuro, reavalia a verdade de seu passado com base em sua nova ação.

O foco deste texto é reconduzir a experiencia psicanalítica à fala e a linguagem, como a seus fundamentos e técnica, frase repetida de várias formas em muitos momentos do texto.

Freud em seus sucessos obtidos no caso Dora, o Homem dos Ratos e o Homem dos Lobos surpreendem por sua doutrinação e geram confusão e desconfiança na técnica naqueles que se creem autorizados a utilizar sua descoberta, ou seja, a psicanálise, o tratamento pela palavra.

Mais uma vez, faço um pequeno recorte da observação feita por Lacan, agora ao Caso Homem dos Ratos.

Ao ser ler o caso percebe-se o esgotamento do assunto que nos deslumbra nos textos freudianos, sem que nenhuma interpretação haja ainda esgotado seus recursos. Lacan diz que Freud se deixou levar a incentivar seu sujeito a superar suas primeiras hesitações, como também compreendeu perfeitamente o alcance sedutor desse jogo no imaginário.

> O efeito de repetição deste relato não escapa a Freud, mas longe de interpretar a resistência presente no caso, surpreende por aceder à solicitação, a tal ponto que parece entrar no jogo do sujeito, neste ponto não parece tanto doutrina, nem tão pouco doutrinação, mas de um dom simbólico da fala, prenhe de um pacto secreto, no contexto da participação imaginária que o inclui e cuja importância se revelará mais tarde, na equivalência simbólica que o sujeito instituiu em seu pensamento entre os ratos e os florins com que remunera o analista...Freud estava longe de desconhecer a resistência, serve-se dela como uma disposição propícia ao acionamento das ressonâncias da fala, e se conforma, na medida do possível, com a definição inicial que forneceu a resistência, servindo-se dela para implicar o sujeito em sua mensagem. (LACAN, 1953, p.292)

O caso do Homem dos Ratos, ainda contou com o texto de Freud Psicopatologia da vida cotidiana, obra no frescor da publicação.

Esse texto não é muito desconhecido dentre os psicanalistas, mas foi vulgarizada a noção freudianas na consciência comum, considerando seu ingresso no que Lacan chamou de muro da linguagem.

Para resgatar o efeito da fala de Freud, não é a seus termos que recorremos, mas aos princípios que a regem.

O princípio da análise das resistências levou ao desconhecimento maior do sujeito, por não serem compreendidos em sua relação com a intersubjetividade da fala.

Para que a mensagem do analista responda à interrogação profunda do sujeito, é preciso, de fato, que ele escute como a resposta lhe é particular.

Esses princípios são a dialética da consciência em si, onde a descoberta freudiana consistiu em demonstrar que esse processo verificador só atinge autenticamente o sujeito ao descentrá-lo da consciência de si, ou seja, se torna mais caduca qualquer busca pela "conscientização" que, para-além de seu fenômeno psicológico, não se inscreve no fenômeno particular, o único a dar corpo ao universal, e sem o qual ele se dissipa na generalidade.

Lacan segue nas ressonâncias da interpretação passando por Hegel em seu conceito de mestre e escravo o que nos permite compreender como a constituição do objeto se subordina â realização do sujeito.

> A psicanálise desvela a estrutura em que essa identidade se realiza como desarticuladora do sujeito, e sem apelar para o amanhã. Aqui também nos mostra que a referência à totalidade no indivíduo, já que o sujeito introduz nele a divisão, bem como no coletivo que é seu equivalente. A psicanálise é, propriamente, o que remete um e outro à sua condição de miragem. (LACAN, 1953, p.293)

Na experiência analítica encontramos sempre a dupla referência à fala e à linguagem, onde para liberar a fala do sujeito, nós analistas, o introduzimos na linguagem de seu desejo, isto é, na linguagem primeira em que, para-além do que ele nos diz de si, já nos fala à sua revelia, e prontamente o introduzimos nos símbolos do sintoma.

É realmente de uma linguagem que se trata, com efeito, no simbolismo exposto na análise, é por ela que se capta o desejo no ponto exato em que ele se humaniza, fazendo-se reconhecer, é absolutamente peculiar ao sujeito.

A renovação da técnica da interpretação passa pelo analista pode jogar com o poder dos simbólico, evocando-o deliberadamente nas ressonâncias semânticas de suas colocações.

> A historieta contada contém uma ingenuidade que possui a propriedade que a fala tem de se fazer ouvir o que ela não diz, podendo nos induzir a penetrar na verdade que ela contém. Essa técnica exigiria tanto para ser ensinada quanto para ser apreendida, uma profunda assimilação dos recursos de uma língua, e especialmente dos que se realizam concretamente em seus textos, onde o caráter primeiro dos símbolos aproxima-os, com efeito, dos números dos quais todos os outros se

> compõem, e portanto, se eles são subjacentes a todos os semantemas da língua, poderemos, por uma discreta pesquisa de suas interferências, ao longo de uma metáfora cujo deslocamento simbólico neutralize os sentidos segundos dos termos que se associa, restituindo à fala seu pleno valor de evocação. (LACAN, 1953, p.296)

Outro aspecto que mostra o desconhecimento da intimação da fala é considerar a necessidade e demanda de amor, mesmo que por um instante, como equivalentes, pois ela tem para o sujeito um sentido diametralmente oposto.

Sua função simbolizadora é a de transformar o sujeito a quem se dirige, através da ligação que estabelece com aquele que a emite, ou seja, introduzir um efeito de significante.

> O descredito quanto a técnica da fala ocorre por sermos vistos a procura de um gesto, um trejeito, uma atitude, uma mímica, um som, entre outros, ou seja, uma suspensão do movimento habitual. Nestes momentos mostraríamos a insuficiência da ideia da linguagem-signo, a qual pareceria que a técnica da fala teria sido inventada para este fim, onde há correlação fixa entre os signos e a realidade que os cercam. (LACAN, 1953, p.298)

Na linguagem o que nos interessa é que os signos adquirem valor por sua relação com os outros.

A forma pela qual se exprime a linguagem define, por si só, a subjetividade, em outras palavras, se refere ao discurso do outro. A subjetividade se envolveu na mais alta função da fala, na medida em que implica seu autor ao investir seu destinatário de uma nova realidade. Essa é a forma essencial de onde deriva toda a fala humana, ou seja, que a fala sempre inclui a subjetivamente em sua resposta.

É pela intersubjetividade do “nós” que ela assume, que se mede, numa linguagem, seu valor de fala.

A função da linguagem não é informar, mas evocar.

> O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é minha a pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir para me responder (LACAN, 1953, p.301)

Quando chamo aquele com quem falo pelo nome, seja este qual for o nome que lhe dou, é uma ação íntima a função subjetiva que ele retornará para responder, mesmo que seja para repudia-la, daí surge a função decisiva de minha própria resposta e que não é apenas, como se diz, a de ser aceita pelo sujeito como aprovação ou rejeição de seu discurso, mas realmente a de reconhece-lo ou aboli-lo como sujeito. Essa é a responsabilidade do analista, toda vez que intervém pela fala.

A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial, é um corpo sutil, mas é corpo.

Para saber como responder a um sujeito na análise, o método consiste em reconhecer primeiro o lugar que está seu ego, esse ego que o próprio Freud definiu como um ego formado por um núcleo verbal, em outras palavras, em saber, através de quem e a quem o sujeito formula sua pergunta. Enquanto não o soubermos, correremos o risco do contra-senso quanto ao desejo que deve ser reconhecido ali e quanto ao objeto a que se dirige esse desejo.

No texto há uma longa explicação sobre onde está o desejo da histérica e do obsessivo.

É sempre na relação do *eu* do sujeito com o (*eu*) de seu discurso, que precisamos compreender o sentido do discurso, para desalienar o sujeito, mas não conseguiremos chegar a isso se acreditarmos que o *eu* do sujeito é idêntico à presença que lhes fala.

Os registros elementares cujos fundamentos estão estabelecidos nos termos simbólico, imaginário e real.

"A análise só pode ter por meta o advento de uma fala verdadeira e a realização, pelo sujeito, de sua história em sua relação com um futuro". (LACAN, 1953, p.303)

Nomear um texto como função e campo é já uma questão matemática, porque é a partir de um campo que você delimita uma função. Questão totalmente matemática o conjunto dos números inteiros, ali dentro vai ter uma função, a função zero ou a função do um, que se repete entre eles, a nomeação do texto indica uma fundamentação da matemática no campo do inconsciente, como campo da linguagem, por outro lado, é uma maneira de mostra a complexidade do que está em jogo quando se articula o problema da fala a partir do campo da linguagem, o falar não é mais um ato banal, o falar está diretamente relacionado a esta condição de sobredeterminação que a minha fala trás pela estruturação daquilo que vem do outro, tanto quanto o sentido que esta fala promove se encontra na dependência da presença deste outro.

O surpreendente é que Lacan nota e assinala com propriedade, que o analista vai ocupar essa função do campo, no sentido que desde o lugar do outro vai desempenhar essa função de dar um sentido a fala.

Em reunião preparatória, foi descrita que "A fala está do lado do analisando e o campo do lado do analista, como campo do outro, lugar do outro, lugar que estrutura a presença do inconsciente pela transferência".

Retomo neste momento ao comentário do Discurso de Roma ao ponto de ligação dos três discursos pelo significante fracasso apresentado num primeiro momento para poder mostrar um projeto de formação, num segundo momento como um projeto de formação pode fracassar, e no terceiro momento mostra que é necessário não incluir o fracasso na sua condição de exterioridade como ainda está presente no primeiro e no segundo, mas como condição de

intimidade, como última na experiência psicanalítica, no qual há um grande deslocamento, onde a verdade sobre os fracassos permanece mas o terceiro discurso mostra uma reviravolta que Lacan fez com o significante fracasso.

Há presente o aspecto da culpa neste três discursos, no primeiro tempo, a culpa estava do lado do outro, neste caso, a culpa é dos pós freudianos, num segundo momento é admitir a culpa como própria, num terceiro momento é não incluir mais a culpa como fonte de articulação, porque havia um equívoco, na forma com que a culpa foi tratada, porque ainda deixava o fracasso como possível de ser atribuída ao outro, por isso havia culpa, quando não existe mais atribuição de fracasso ao outro, e sim como intimo, não tem mais porque manter uma relação com a exterioridade como se mantinha antes.

Há um elemento novo em relação a Freud neste texto, que é a relação do tempo com o inconsciente.

Para Freud não há tempo no inconsciente, o que Lacan concorda, mas escreve que o tempo se encontra diretamente ligado ao sujeito do inconsciente através da presença do significante, por isso tem relação com o tempo lógico, pois as três questões que são apresentados no texto Tempo Lógico, são as três formas de aparecimento do significante.

O instante de ver corresponde a este momento em que o significante se apresenta ao sujeito, o tempo para compreender, é o tempo para o sujeito lidar com esse efeito do significante como inédito, como trazendo uma questão, é o tempo de elaboração das questões que se apresentaram para o sujeito. No terceiro, no tempo de concluir, é o momento que ele realiza uma significação, ou seja, ele dá uma conclusão, uma direção, para onde ele conduz isso que o significante se apresentou para ele, conclui uma nova rede de sentido.

Nesta nova rede de sentido, o sujeito vai dar uma expressão a esta divisão, a esta saída numa situação em que se valendo do significante que vem do outro ele pode encontrar uma solução que o particulariza, ou seja, separa do outro e sai da identificação que ele mantinha com os outros, condição necessária para poder encontrar uma solução que o distingue. Não é tempo lógico, como tempo da sessão somente.

É também necessário retomar a questão do tempo da obra de Freud, ele não o contradiz, ele mostra uma outra possibilidade de pensar o tempo em Freud, nesta ideia de que não há tempo no inconsciente, mas também veio de Freud que todo tempo é retroativo.

O tempo está presente na constituição do sintoma em Freud, ele vai sempre emergir para atualizar uma questão traumática que estava articulada deste o momento da histeria, do real do sexo que ele não tem condições de lidar no momento que ele advém.

Caminho para o final deste comentário com algumas considerações estruturais do texto.

Num texto formativo a estrutura se revela nas notas de rodapé, nas quais certos elementos são consolidados e ressignificados àquilo que foi apresentado para outro anteriormente, ou seja, nas notas de rodapé, Lacan reafirma determinados pontos para formação do analista, onde reúne uma série de elementos que vão ser desenvolvidos muito tempo depois em sua obra e que os analistas para serem analistas vão precisar articular.

Os temas que se repetem, são os temas fundamentais, nesta espécie de programa, tanto numa relação com a obra freudiana quanto com os elementos novos que já anuncia que serão trabalhados em pelo próprio Lacan nos anos seguintes.

Lacan não visava a interpretação dos sonhos por acaso e que função e campo tem o mesmo caráter que teve a Interpretação dos Sonhos na obra freudiana, são momentos fundacionais da obra, da apresentação de uma posição, de uma enunciação que nas duas obras foram desenvolvidas nos anos seguintes.

Assim, a importância deste texto na obra de Lacan, é a mesma do texto a Interpretação do Sonhos para Freud, os dois textos possuem um tecido que precede uma série de elaborações, não desenvolvidas, mas anunciadas neste texto.

É justamente da prática da ação da fala, de seu uso rotineiro e sem técnica que faz de Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, um marco na obra de Lacan.

O último conceito que apresento foi a repetição encontrada em cada término das partes do texto, sobre o amor.

Não é à toa que o termo do amor está sempre presente ao término de cada uma das partes, o amor vai ser aquele termo que vai conectar as partes de um discurso para um psicanalista, do que esse discurso tem na incidência na prática do Lacan, como prática de transferência, ou seja, como prática que articula a ligação, o manejo da técnica e o estabelecimento da teoria.

Lacan nos apresenta neste projeto de formação as ferramentas e o caminho que devemos seguir. Na introdução escreve que se os rumos da formação não for conduzida de forma rigorosa “a psicanalise caminha por um tal descaminho que daqui a pouco o inconsciente e a sexualidade vão desaparecer”.

Encerro este comentário com um breve testemunho de meu encontro, neste momento, com o texto.

É a quarta vez que me é solicitado no Vox, estudar o texto Função e Campo, é a segunda vez que apresento e a primeira num comentário escrito, assim esse texto precisa ser lido algumas

vezes durante a formação, isso tudo não se dá a ver de forma direta numa primeira leitura ou segunda leitura.

Considero relevante essa informação pois foi a primeira vez que me deparei com a teoria e com a técnica. Nos estudos anteriores, eu prestava atenção ao conteúdo teórico, sempre em uma sensação de dívida, de não compreensão.

Ao me deparar com a ação da fala, ou seja, com a técnica, pude perceber que Lacan anuncia um projeto de formação, pois fui percebendo no decorrer do texto os pontos em que articulo com mais propriedade, aqueles que estou estudando atualmente no Seminário 9 de 1961/62, quer dizer oito anos depois de Lacan escreve seu primeiro Discurso de Roma. E também identificar que outros pontos foram anunciados, mas ainda não os alcancei na obra.

Outro ponto relevante, foi encontrar argumentos consistentes para a insistência que existe em minha formação da valorização do estudo da obra freudiana.

Por todo o texto os conceitos teóricos freudianos são valorizados, em nenhum momento consta qualquer demérito, ao contrário, cito “talvez por reabrir algumas janelas para a luminosidade do pensamento de Freud, esta exposição alivie em alguns a angústia gerada por uma ação simbólica, quando esse se perde em opacidade própria”. (LACAN, 1953, p.242)

As palavras usadas neste comentário foram cuidadosamente escolhidas, espero que alivie a angústia e contribua ao passo de retorno aos estudos freudianos.

Após este quarto encontro com este texto, penso na dificuldade, encontrada inclusive pelo próprio Freud, na junção da teoria e da prática, sendo que ao adicionarmos a técnica na ação da fala o percurso teórico e técnico se encontram na exigência de aprendizagem de valor formativo, mas que este aprendizado vem junto com a experiência.

Referências Bibliográficas

LACAN, J. (1953). **Escritos -Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

LACAN, J. (1953). **Outros Escritos – Discurso de Roma**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.